



Volume, 15, número 1, ano 2019

## **SE CUIDA!** **A prevenção do câncer de colo uterino como ferramenta no ensino da biologia**

Jaqueline Miranda Pinto<sup>1</sup>  
Natasha Bertochi<sup>2</sup>  
Analía Garnero<sup>3</sup>

**Resumo.** Os adolescentes estão descobrindo sua sexualidade nessa fase da vida assim tornam-se mais vulneráveis as IST/AIDS e ocorrência de gravidez não planejada. Esse fato pode ser agravado pela falta de informações corretas e/ou fontes não confiáveis de informação sobre a prevenção de ISTs. O projeto “Se cuida!” foi criado com o intuito de alertar os estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio João Pedro Nunes, São Gabriel/RS, sobre os riscos de relações sexuais desprotegidas, com foco na IST causada pelo vírus do papiloma humano (HPV) e suas doenças associadas como o câncer de colo uterino e o câncer peniano. Baseado nisso, foram realizadas distribuição de material informativo e palestras aos estudantes do ensino médio. Informamos que as fases precursoras da doença podem ser identificadas mediante a realização de um exame preventivo gratuito, disponível na rede pública de saúde, e incentivamos os alunos a atuarem como multiplicadores de informação. Foi elaborado um questionário, aplicado pelos estudantes, após orientação, na comunidade escolar, onde obtivemos 596 respondentes. A análise dos dados foi realizada pelos próprios estudantes na aula de matemática, em que se obteve alguns dados, como: metade das mulheres adultas de 20-29 anos costuma realizar exames periódicos e que às com mais de 30 anos ainda não tem o hábito de realizar o preventivo. Assim, com um trabalho multidisciplinar auxiliamos na conscientização sobre ISTs e tornamos os estudantes multiplicadores dessas informações.

**Palavras-Chave:** HPV. Prevenção. Conscientização.

## **TAKE CARE OF YOURSELF!** **Cervical cancer’s prevention as tool in biology teaching**

**Abstract.** The adolescents are discovering their sexuality in this phase of life therefore they become more vulnerable to sexually transmitted infection (STI)/AIDS and the occurrence of pregnancy that was not planned. This fact can be aggravated by the lack of correct information and/or not reliable sources about the prevention of STI. The project “Se cuida!” (Take care of yourself!) was created aiming to alert the students of high school of Escola Estadual de Ensino Médio João Pedro Nunes (State School of High School João Pedro Nunes), São Gabriel/RS, about the risks of unprotected sexual relations, focusing on STI caused by papilloma virus (HPV) and the diseases associated such as with cervical cancer and penile cancer. Based on this, distribution of informative material and lectures to high school students were

---

<sup>1</sup> Bióloga/Professora da Rede Estadual de Ensino Especialista em Gestão de Sistemas Ecológicos e Educação Ambiental, Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio - E.E.E.M. João Pedro Nunes, Mestre em Educação em Ciências – UFSM, Doutoranda no PPG - Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFSM: [emailprajaque@gmail.com](mailto:emailprajaque@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduação e Mestrado em Ciências Biológicas: [berticchinatasha@gmail.com](mailto:berticchinatasha@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Associada III, Doutora em Ciências: [analiagarnero@yahoo.com.br](mailto:analiagarnero@yahoo.com.br)



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

performed. We informed that the precursor stages of the disease can be identified by conducting a free screening test, available in the public health system, and encouraged students to act as information multipliers. A questionnaire was developed, applied by the students, after orientation, in the school community, where we obtained 596 respondents. The data analysis was performed by the students themselves in the mathematics class, in which we obtained some data, such as: half of the adult women of 20-29 age is used to taking periodical exams and the ones with more than 30 of age do not have the habit of taking the screening test yet. Thus, with a multidisciplinary work we helped in consciousness about STI and we turned the students into multipliers of this information.

**KEYWORDS:** HPV. Prevention. Awareness.

## **1 INTRODUÇÃO**

### **1.1 Adolescência, Vulnerabilidade e infecções sexualmente transmissível (ISTs)**

Atualmente as ISTs como AIDS, câncer de colo uterino, herpes, sífilis, candidíase, gonorréia, entre outras atingem todos os grupos sociais, independente de classe, gênero, raça ou etnia, orientação sexual e faixa etária. Em décadas anteriores se falava em grupos de risco, ou pessoas que estariam mais vulneráveis quanto à aquisição de IST. Atualmente, estamos todos vulneráveis às ISTs.

A ideia de falar em vulnerabilidade - criada por um estudioso e militante do campo dos direitos humanos, chamado Jonathan Mann - surgiu para explicar que a relação entre a saúde e a doença não se dá só em função das atitudes das pessoas, mas está diretamente relacionada ao ambiente e suas relações (SANTOS; QUEIROZ, 2008, p.19).

Na adolescência inicia-se a descoberta da sexualidade, porém, os adolescentes, indiferente da classe social formam um grupo vulnerável a doenças que podem ser transmitidas através do sexo, devido a características inerentes à idade. Por se tratar de um período do desenvolvimento cheio de descobertas sobre o próprio corpo e o mundo, faz-se necessária a orientação sexual na prevenção de IST, e as aulas de Ciências e Biologia são locais propícios para essa abordagem. Esse fato pode ser agravado pela falta de informações corretas (buscadas em fontes não confiáveis), pela falta de conscientização do uso do preservativo ou, ainda, pelas ações impulsivas atribuídas à idade.

A educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar – as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência. A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade apenas na adolescência reflete uma visão pedagógica limitada (FURLANI, 2009, apud SILVESTRE, 2014, p.8).

Acredita-se que as ações de educação em saúde são a forma mais eficaz de prevenir doenças e multiplicar as informações, tornando os alunos, seus amigos e familiares, não apenas informados, mas conscientes para a manutenção da saúde da população. Assim, a educação sexual no ambiente escolar é de extrema importância para esclarecer dúvidas e fornecer as informações corretas, diminuindo o risco para os estudantes e também tornando-os multiplicadores desse conhecimento na comunidade local. Alguns fatores de risco que podem ser minimizados são:

idade precoce na primeira relação sexual; multiplicidade de parceiros; história de infecções sexualmente transmitidas (da mulher e de seu parceiro). Atualmente, considera-se que a persistência da infecção pelo Vírus do Papiloma Humano (HPV) represente o principal fator de risco; multiparidade; tabagismo; alimentação pobre em alguns micronutrientes, principalmente vitamina C, beta caroteno e folato, e o uso de anticoncepcionais (BRASIL, 2002, p.5).

O vírus do papiloma humano (HPV) está presente na população indiscriminadamente, e o mesmo é responsável por causar o câncer de colo de útero, coloca esta doença no *rol* de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis). É uma doença que atinge, em sua maioria, mulheres jovens, que geralmente têm filhos pequenos e, quando detectada no início, a doença tem altas chances de cura<sup>1</sup>. As fases precursoras do câncer de colo de útero podem ser identificadas mediante a realização de um exame simples, indolor e gratuito, disponível na rede pública de saúde, o preventivo<sup>1</sup>. É o quarto tipo de câncer mais comum entre as mulheres (excetuando-se os casos de pele não melanoma). Para o ano de 2018 eram esperados 16.370 casos novos. Em 2015 ocorreram 5.727 óbitos por esta neoplasia (INCA, 2018).

A existência de outras infecções associadas (tricomoniase, candidíase, herpes, entre outras) pode atuar como fatores de risco para o desenvolvimento do câncer de colo. Mas nenhum outro fator de risco é tão sério quanto efetuar relações sexuais com um portador de algum dos subtipos de HPV. Isso também vale para os homens, pois alguns dos subtipos de HPV também podem causar câncer peniano (BRASIL, 2002).



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

O HPV está se disseminando com rapidez, é uma IST que afeta cerca de 30% da população sexualmente ativa. Como a transmissão do HPV ocorre no início da vida sexual de adolescentes é importante trabalhar este tema com os estudantes, principalmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio (PINTO et al, 2012).

### **1.1 A Vacina**

Em 2014 o calendário vacinal foi implementado, com a meta de vacinar 80% da população feminina de 9 a 13 anos contra o HPV. A vacina contra HPV aplicada para as meninas em nosso estado é tetravalente, ou seja, abrange os subtipos 6, 11, 16 e 18 do HPV.

---

<sup>1</sup>Heraldo Menezes Amann é médico ginecologista, *expert* em prevenção do Câncer de Colo Uterino e apoiador do projeto “Se cuida!”. As informações aqui citadas foram fornecidas em comunicação pessoal (São Gabriel, 11set. 2015) à professora de Biologia da escola onde o projeto é desenvolvido.

Os dois primeiros causam verrugas anogenitais, e os subtipos 16 e 18 são responsáveis por cerca de 70% dos casos de câncer do colo do útero em todo mundo (INCA, 2016).

A menina deve receber a primeira dose ao completar 9 anos de idade, a segunda seis meses depois, e a terceira, de reforço, cinco anos após a primeira dose. Faz parte do calendário vacinal da adolescente. Atualmente, o Ministério da Saúde incluiu no grupo alvo da vacinação as mulheres de 9 a 26 anos que vivem com o vírus da imunodeficiência humana - HIV (desde que apresentem prescrição médica). Pois são mais suscetíveis a complicações decorrentes do HPV, e tem probabilidade cinco vezes maior de desenvolver câncer no colo do útero do que a população em geral (AMÉRICO, 2015).

Em 2017, a vacina passou a ser aplicada em meninos de 12 e 13 anos de idade, e também em meninos e homens vivendo com HIV/AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), entre 9 e 26 anos (PORTAL BRASIL, 2017).

### **1.2 O exame preventivo**



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

No Brasil, existem cerca de seis milhões de mulheres entre 35 a 49 anos, que nunca realizaram o exame citopatológico do colo do útero (Papanicolaou), e de acordo com Brasil (2002), esta é a faixa etária onde mais ocorrem casos positivos de câncer do colo do útero. É importante lembrar que a maioria dessas mulheres não tem acesso à informação e acaba por não realizar o exame preventivo por medo ou até vergonha (FERREIRA, 2009).

O Ministério da Saúde orienta que mulheres na faixa etária dos 25 aos 64 anos façam o exame preventivo, o Papanicolaou, a cada três anos, após dois exames anuais consecutivos negativos. Porém, com o início cada vez mais precoce das relações sexuais, a família, e em segundo momento, a escola, devem orientar todos os adolescentes que se deve procurar um profissional de saúde para uma avaliação geral antes e após o início das atividades sexuais, as meninas também devem proceder a coleta do material para o exame preventivo (BRASIL, 2002).

O colo do útero é revestido, de forma ordenada, por várias camadas de células epiteliais pavimentosas, que ao sofrerem transformações intra-epiteliais progressivas, podem evoluir para uma lesão cancerosa invasiva em um período de 10 a 20 anos. Na maioria dos casos, a evolução do câncer do colo do útero é lenta, passando por fases pré-clínicas detectáveis e curáveis. Acomete, geralmente, os grupos com maior vulnerabilidade social, onde se concentram as maiores barreiras de acesso à rede de serviços para detecção e tratamento precoces da doença advindos de dificuldades econômicas e geográficas, insuficiência de serviços e questões culturais, como medo e preconceito dos companheiros (BRASIL, 2002).

Dentre os possíveis resultados da análise citopatológica do material coletado da cérvix uterina, pode-se esperar: negativo para malignidade da amostra, que seria o esperado para mulheres saudáveis. Mas podem aparecer outros resultados, que deixam – mesmo a mulher assintomática – em sinal de alerta, pois podem ser fases precursoras de um tumor. São elas:

A Neoplasia Intraepitelial Cervical (NIC) não é câncer e sim uma lesão precursora, que dependendo de sua gravidade, poderá ou não evoluir para câncer. NIC I é a alteração celular que acomete as camadas mais basais do epitélio estratificado do colo do útero (displasia leve). Cerca de 80% das mulheres com esse tipo de lesão apresentarão regressão espontânea. NIC II é a existência de desarranjo celular em até três quartos da espessura do epitélio, preservando as camadas mais superficiais (displasia moderada). NIC III é a observação do desarranjo em todas as camadas do epitélio (displasia acentuada e carcinoma in situ), sem invasão do tecido conjuntivo subjacente... O exame citopatológico não diagnostica a infecção pelo HPV e nem o seu tipo, mas existem alterações celulares que sugerem a presença deste vírus, tais



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

como células paracaratóticas, escamas anucleadas, coilocitose, cariorrexis ou núcleos hipertróficos com cromatina grosseira. Atípias de significado indeterminado em células escamosas (ASCUS) e em células glandulares (AGUS). Sob esses diagnósticos estão incluídos os casos com ausência de alterações celulares que possam ser classificadas como Neoplasia Intraepitelial Cervical, porém com alterações citopatológicas que merecem uma melhor investigação e acompanhamento (BRASIL, 2002, p.13).

Esta nomenclatura é utilizada desde o início da realização dos exames citopatológicos nos laudos cervicais. Também está disponível nas diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo uterino (INCA, 2016).

Caso o resultado do preventivo seja compatível com atípias de significado indeterminado (ASCUS ou AGUS), a mulher deverá realizar o tratamento prescrito pelo médico e retornar para nova coleta. E são feitas coletas até que se elucide quais atípias eram acusadas pela citopatologia, ou que desapareçam e o resultado do exame normalize.

## **2. METODOLOGIA**

O projeto “Se cuida!” foi criado com o intuito de alertar os estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio João Pedro Nunes, sobre os riscos de relações sexuais desprotegidas, inclusive o câncer de colo uterino e o câncer peniano.

As questões norteadoras do projeto foram: Se os estudantes não estavam informados sobre estas doenças, será que seus responsáveis estavam? Será que as mulheres da família realizavam o exame preventivo do câncer do colo uterino anual? Então, além de receberem a orientação, os discentes se tornariam multiplicadores das informações recebidas na escola sobre o vírus HPV e prevenção de ISTs. No momento em que interiorizassem as informações na escola e assim levassem questionários para casa, isso possibilitaria o diálogo sobre o tema trabalhado previamente com seus familiares, amigos, outros professores e funcionários da instituição. Abrangendo toda comunidade escolar.

Trabalhamos com uma abordagem interdisciplinar nestas ações, em que as aulas de matemática também foram palco de trabalho do tema, fazendo a contagem dos dados coletados e elaborando gráficos junto com os alunos.

A abordagem interdisciplinar, de acordo com os autores, vem contribuir no sentido de ampliar os conhecimentos, muitas vezes exigidos para a resolução de problemas escolares ou da vida particular. As conexões e interseções, nas diferentes áreas do



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

conhecimento, podem contribuir para aprendizagens conceituais, para diminuição de muitos preconceitos e para uma finalidade particular (IMHOF; SCHROEDER, 2016, p.279).

O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa-ação, caracterizada pela pesquisa colaborativa, que leva a uma reflexão coletiva. O exame crítico das próprias ações é incentivado por esta metodologia, que tem o intuito de melhorar a prática, de acordo com os resultados obtidos (MOREIRA, 2011).

A escola possui aproximadamente 1000 alunos na educação básica, sendo 490 no ensino médio em 2013 (quando este projeto, dentro da práxis docente, teve início), no ano de 2018 tivemos 384 estudantes neste nível de ensino. A comunidade escolar é formada por alunos, professores e funcionários, de várias localidades do município, inclusive discentes que vem da zona rural. Portanto, é uma comunidade escolar ampla e com realidades distintas.

Inicialmente, em 2013, o projeto foi desenvolvido apenas com os alunos do 2º ano do ensino médio, sendo ampliado no mesmo ano para o 1º e 3º anos. Contudo, dada a contrapartida positiva dos alunos, no ano seguinte integrou-se também toda a comunidade escolar.

Então, pensando em uma forma de abranger a comunidade escolar, foi elaborado um questionário semi-estruturado, que o discente deveria levar para casa, e solicitar aos seus responsáveis e amigos que respondessem. Não havia a obrigatoriedade, por parte dos respondentes, de preencher todas as questões, até porque as questões 09 e 10 eram direcionadas ao público masculino.

**Questionário Se Cuida!**

1. Fez o exame preventivo (ou Papanicolaou) alguma vez? ( ) Não ( ) Sim
2. Sente dor ou sangramento durante ou depois das relações sexuais? ( ) Não ( ) Sim
3. Está com corrimento? ( ) Não ( ) Sim
4. Você sabia que o preventivo pode identificar outras DST? ( ) Não ( ) Sim
5. Já teve dificuldade de agendar exames nas unidades básicas de saúde, e por isso não fez o preventivo? ( ) Não ( ) Sim
6. O preservativo deve ser usado: ( ) Sempre ( ) às vezes ( ) Não deve ser usado
7. Tu usas preservativo nas relações sexuais? ( ) Não ( ) Sim
8. Como a mulher pode ter câncer de colo de útero? ( ) hereditário ( ) contágio sexual
9. Já foi ao urologista? ( ) Não ( ) Sim
10. O exame de próstata deve ser feito regularmente a partir dos 40 anos, o senhor já fez alguma vez? ( ) Não ( ) Sim

Fonte: autoras



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

A comunidade escolar foi atendida no momento em que os estudantes se tornaram multiplicadores das informações recebidas na escola, nas aulas de Biologia e nas palestras. Cada aluno era incumbido, munido do questionário, de entrevistar de 5 a 10 pessoas, que deveriam ser seus professores, funcionários da escola, familiares e amigos. Desta forma, já estavam levando informação à comunidade e coletavam dados para o projeto. Salientamos que os estudantes foram devidamente orientados sobre como proceder ao conversar com os respondentes.

Focava-se principalmente nos responsáveis dos alunos quanto à importância da vacinação dos jovens contra o HPV, disponibilizada na rede pública de saúde e a importância da realização do preventivo pelas mulheres com vida sexual ativa. Ainda em 2013, foram feitas várias palestras, além de aulas sobre os conteúdos relativos ao assunto do projeto. Para algumas intervenções foram convidados profissionais da saúde.

A partir de 2014, foi incorporado ao projeto inicial o projeto “Sexualidade em Questão” desenvolvido por uma acadêmica de Ciências Biológicas-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Assim, ampliamos a temática inicial, abordando mais aspectos da sexualidade, o que trouxe um novo ânimo, pois veio reforçar o que já estava sendo trabalhado. Nessa nova etapa, diminuimos para 5 o número de questionários por aluno visando facilitar a coleta de dados e assim evitar duplicatas ou falsas respostas.

Efetuada a distribuição de material informativo (*folders*, obtidos através de contato com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), que gentilmente remeteu o material pelo correio para a escola) e divulgadas informações sobre a prevenção do câncer de colo uterino e outras IST, foi entregue o questionário aos alunos e após o retorno deles, feita a tabulação e elaboração dos gráficos para a apresentação dos resultados e discussão do projeto.

Inicialmente (2013), o espaço do projeto eram as aulas de Biologia. Mas, com a relevância do tema e abrangência dos assuntos relacionados, outros professores passaram a apoiar o projeto (como na tabulação dos dados e criação dos gráficos, com auxílio da professora de matemática), cedendo suas aulas para realização de intervenções como rodas de conversa, palestras, dinâmicas, colocando em prática a interdisciplinaridade. As atividades ocorriam quinzenalmente, até 2015. Até 2018, ocorreram a cada trimestre.



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

Em 2014, com a instituição da vacina contra o HPV na rede pública, a Secretaria Municipal da Saúde entrou em contato com a Escola para estabelecer parceria. De modo que a Escola prontamente atendeu a solicitação, realizando palestras para os pais, responsáveis, membros do Conselho Escolar e discentes sobre a importância da aplicação da vacina, bem como prestando esclarecimentos sobre o vírus HPV e o exame preventivo do câncer de colo uterino realizado nas Unidades Básicas de Saúde. Uma das razões que facilitaram a realização destas ações é o fato da professora idealizadora do projeto ter sido funcionária pública municipal por mais de 10 anos, atuando como auxiliar de enfermagem e também no planejamento municipal de saúde. Este fato facilitou também a entrevista com um médico ginecologista, que atua na saúde pública (ambulatório ginecológico) há mais de 30 anos. O Dr. Heraldo Menezes Amann é um parceiro do projeto, tendo realizado palestras na escola e fornecido dados importantes para o trabalho em entrevista concedida à professora coordenadora do projeto.

Em 2015, as palestras e esclarecimentos foram repetidos e a vacina aplicada dentro das dependências da Escola, novamente. Em 2016, palestras foram realizadas e em 2017 palestras e aplicação de questionários (tendo os alunos como multiplicadores das informações).

Até o momento (2018) não obtivemos retorno sobre o agendamento dos preventivos para as mães/responsáveis dos educandos.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dos 800 questionários distribuídos aos discentes para coleta de dados, entre 2013 e 2017, retornaram 596, sendo 446 respondidos por mulheres e 150 por homens.

Podemos observar na tabela 1 que 7,8% das mulheres adultas na faixa etária de 20-29 anos costuma realizar exames periódicos. E apesar de 57,8% acima de 30 anos terem esta preocupação, apenas 5,15% das mulheres não possuem o hábito de realizar o exame de Papanicolaou (gráfico). É importante lembrar que, aproximadamente, 90% das mulheres que desenvolveram a doença e faleceram, nunca fizeram o exame preventivo (BRASIL, 2002).



Volume, 15, número 1, ano 2019

A maioria das mulheres (95,6%) (tabela 1) não apresentou dor nem sangramento nas relações sexuais. Embora um pequeno número (4,4%) apresente esses sintomas, devem ser considerados, porque pode ser indício de lesão celular.

Tabela 1 - Percentual de respostas Projeto Se Cuida! (n=446). |

faixa etária	1. Já fez preventivo?		2. Dor ou sangramento após relações?		3. Corrimento?		
	sim	não	sim	não	sim	não	
15-19	4%	18%	0,2	23,3	3,8	17	
20-29	7,8	7,2	1,1	12,6	2,7	11,2	
30-39	21,3	1,6	2	22,9	2	22,4	
40 e +	36,5	3,6	1,1	37	2,7	38,1	

Fonte: autoras

O exame preventivo mostra, além das alterações celulares que podem ou não ocorrer, a microflora vaginal presente nos esfregaços, que pode evidenciar a ocorrência de ISTs (candidíase, tricomoníase, entre outras). Estas infecções, quando aparecem juntamente com alguma alteração celular de baixo grau ou grau moderado (NIC I ou NIC II, respectivamente), podem ser causadoras da alteração. Tanto que, muitas vezes, quando é feito o simples tratamento da infecção associada à lesão de baixo grau, ocorre a regressão da mesma<sup>1</sup>.

Os dados nos levam a refletir se adolescentes não costumam realizar o preventivo após a iniciação sexual por falta de conscientização da necessidade, por descaso próprio ou descuido da família. As questões 4 e 7 (tabela 2) elucidam, em parte, a reflexão supra. A questão 4 evidencia que 89,7% dos respondentes possuem conhecimento sobre a detecção da existência de outras IST's através da realização de um esfregaço de rotina. No entanto, 17% dos respondentes não tem o cuidado de usar preservativo nas relações.

As adolescentes, tendo por base a tabela 2 (questão 5), provavelmente não encontraram dificuldade no agendamento porque não procuraram por ele, tendo em vista os dados do graf. 1, que evidenciam que a maioria não realizou o exame preventivo nenhuma vez. Nas demais faixas etárias, percebe-se que houve dificuldade para agendamento. Esta questão tinha a intenção de avaliar o atendimento em saúde pública do município, e com isso, tentar efetuar uma parceria entre o projeto da escola e a Secretaria Municipal da Saúde. O que não foi possível, por falta de interesse da administração municipal.



Volume, 15, número 1, ano 2019

Tabela 2 – Percentual de respostas Projeto Se cuida! (n=446).

	4. Preventivo identifica outras DST, sabia?		5. Dificuldade em agendar exame nas UBS.		7. Usas preservativo nas relações?	
	sim	não	sim	não	sim	não
15-19	18,6	3,8	5,15	15,9	19,7	3,1
20-29	11,9	1,8	7,6	6	8,5	4,3
30-39	25,1	1,8	10,5	16,6	15	9
40 e +	34,1	2,9	20,9	17,3	21,7	18,2

Fonte: autoras.

De acordo com a tabela 3, quanto mais jovem a população, maior o índice de pessoas que julgam que o preservativo deve ser usado sempre. Com o aumento da faixa etária, essa ideia decresce. Mas embora a maioria pense assim, 34,6% dos respondentes afirma não usar (tabela 2, questão 7).

faixa etária	6. O preservativo deve ser usado:		
	sempre	às vezes	não deve ser usado
15-19	22,2	1,6	1,1
20-29	11	2	1,1
30-39	27,1	2,9	0
40 e +	3,6	2,5	1,6

Fonte: autoras

Na faixa etária de 30 a 39 anos, 15% usam preservativo (tabela 2, questão 7) nas relações sexuais. Dentre aqueles que não usam, pode-se haver a possibilidade de estarem em uma relação monogâmica, acreditam que não há necessidade do uso do preservativo. Nota-se na tabela 3, que um número maior que este crê que o preservativo deve ser usado sempre (27,1%). Assim, acredita-se que podem influenciar positivamente a população mais jovem a utilizar preservativo nas relações sexuais ou a manter relações monogâmicas também.

Referente à tabela 4, quando os respondentes foram questionados sobre a forma de contágio ou de aparecimento do câncer do colo uterino, notou-se que a maioria dos



Volume, 15, número 1, ano 2019

entrevistados (63,9% - tabela 4), entende o câncer de colo uterino como uma IST. Porém, conforme o aumento da faixa etária, também é possível notar que essa crença decresce.

Tabela 4 - Percentual de respostas Projeto Se Cuida! (n=446).

faixa etária	8. O Ca de Colo pode ter origem:	
	contágio sexual	hereditária
15-19	22,2	1,6
20-29	11	2
30-39	27,1	2,9
40 e +	3,6	2,5

Fonte: autoras

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre a periodicidade da realização do Papanicolaou, 67% dos respondentes demonstrou saber que o exame deve ser feito uma vez ao ano. E que o médico irá informar à paciente caso seja necessário reduzir este prazo, para um acompanhamento mais apurado. Ou ainda, se o prazo pode ser estendido para uma vez a cada 03 (três) anos. Essa avaliação é feita caso a caso.

Quanto às perguntas direcionadas à população masculina (tab. 5, questões 9 e 10), os índices mostram que os homens estão se cuidando, na faixa etária de 40 e mais. Acreditamos que esse cuidado se deve ao fato de ter sido trazido para o Brasil, em 2008, a campanha preventiva (Novembro Azul) do câncer de próstata, aumentando, com isso, a visita dos homens ao urologista e, conseqüentemente, a realização do exame de próstata. No entanto, a população masculina entrevistada, com menos de 40 anos de idade, revelou não ter tanto cuidado, pois apenas 11,5% destes homens já foi ao urologista.

Tabela 5 - Percentual de respostas Projeto Se Cuida! (n=150).

faixa etária	9. Já foi ao urologista?		10. Já fez exame da próstata?	
	sim	Não	sim	Não
15-19	1,5	21,3	0	20,6
20-29	5,3	11,3	4	12
30-39	4,7	11,3	5,3	12
40 e +	25,3	20	28,7	17,3

Fonte: autoras.



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

Durante as conversas, ou questionamentos nas palestras, ficou claro que alguns estudantes não sabiam da existência do câncer peniano e do preventivo masculino anual. O assunto foi esclarecido no momento.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o início cada vez mais precoce das relações sexuais, a escola não pode se eximir de tratar do tema sexualidade com os estudantes. A sexualidade está presente em todas as fases da vida, mas na adolescência, quando as informações nem sempre são interpretadas de forma correta, é necessário abordar o assunto em todos os seus aspectos. Por exemplo, a relação sexual, que praticada sem cuidado leva a ISTs e gravidez na adolescência. Assim, realizar atividades que façam os alunos pensarem antes de efetuar qualquer ato do qual possam se arrepender depois é a principal tarefa do “Se cuida!”. O segundo objetivo do projeto, e não menos importante, é a prevenção do câncer do colo uterino. E os estudantes envolvidos se tornaram multiplicadores das informações recebidas na escola.

Os resultados obtidos demonstram que ações de educação em saúde devem ser permanentes, pois as dúvidas se repetem ano após ano. Além disso, é possível verificar que a informação não se transforma em conscientização apenas com uma explicação. É necessária a repetição, e transformar a informação sobre uso do preservativo para proteger contra IST na própria ação de usar o preservativo sempre. O estudante precisa de orientação da família, da escola e da comunidade, constantemente. Também é de responsabilidade do Estado, em conjunto com a comunidade, proporcionar aos jovens atividades de lazer, entretenimento, esporte e cultura, com o objetivo de obter um crescimento saudável. Primar pela promoção e manutenção da saúde é dever de todos.



Volume, 15, número 1, ano 2019



Volume, 15, número 1, ano 2019

## 5. REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Carlos. Agência de Saúde. SUS oferta vacina contra HPV para meninas de 9 a 11 anos. Blog Ministério da Saúde. 2015. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/35256-sus-oferta-vacina-contra-hpv-para-meninas-de-9-a-11-anos>> Acesso em: 25.01.2019

FERREIRA, Maria de Lourdes da Silva Marques. Motivos que influenciam a não-realização do exame de papanicolaou segundo a percepção de mulheres. Esc. Anna Nery **Revista Enfermagem** 2009, abr-jun; 13 (2): 378-84. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a20>> Acesso em: 28.01.2017

FURLANI, Jimena, apud SILVESTRE, Valdete Lucia. Encarar o desafio sexual na escola. **In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. Paraná, Secretaria de Estado da Educação. Sexualidade. Curitiba: SEED, 2014. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uem\\_cien\\_pdp\\_valdete\\_lucia\\_silvestre.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_cien_pdp_valdete_lucia_silvestre.pdf)> Acesso em: 25.01.2019

IMHOF, Ana Maria Quinoto; SCHROEDER, Edson. O tema sexualidade humana no ensino médio: as ilhas interdisciplinares de racionalidade como metodologia em aulas de biologia. **RBECT**, v. 9, n.1, pg 277-300, jan/abr 2016. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/2054> Acesso em: 25.02.2017

INCA. Instituto Nacional do Câncer. Câncer de Colo de Útero. Magnitude. 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-do-colo-do-uterio>> Acesso em: 22.01.2019

INCA. Instituto Nacional do Câncer. Ministério da Saúde. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <[http://www.citologiaclinica.org.br/site/pdf/documentos/diretrizes-para-o-rastreamento-do-cancer-do-colo-do-uterio\\_2016.pdf](http://www.citologiaclinica.org.br/site/pdf/documentos/diretrizes-para-o-rastreamento-do-cancer-do-colo-do-uterio_2016.pdf)> Acesso em: 25.01.2019

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual técnico em Prevenção do Câncer do Colo do Útero para profissionais de saúde**. Brasília, 2002. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/manual\\_profissionaisdesaude.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/manual_profissionaisdesaude.pdf) Acesso em: 25.01.2019

MOREIRA, Marco Antônio. **Metodologias de Pesquisa em Ensino**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

PINTO, Vanessa Feitosa Costa; BARBOSA, Valquíria Feitosa Costa; PAIVA, Sabrina Guimarães. Aspectos epidemiológicos e Citológicos de infecções pelo Papilomavírus Humano (HPV) em adolescentes: Uma Revisão. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.5, n.4, Pub.4, Outubro 2012. Disponível em: <http://www.itpac.br/arquivos/Revista/54/4.pdf> Acesso em: 25.02.2017

PORTAL BRASIL. Tire dúvidas sobre a vacinação contra o HPV para meninos. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2017/01/tire-duvidas-sobre-a-vacinacao-contra-o-hpv-para-meninos> Acesso em: 26.02.2017



**Volume, 15, número 1, ano 2019**

SANTOS, Vera Lopes dos.; QUEIROZ, Isabelle de. **Manual de prevenção das IST/HIV/AIDS em comunidades populares**. Ministério da Saúde. Brasília, 2008. Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_prevencao\\_hiv\\_aids\\_comunidades.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_prevencao_hiv_aids_comunidades.pdf)> Acesso em: 16.02.2016